

Descrrevendo processos pessoais

Mauro Martins AmatuZZi

Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Versões de Sentido são utilizadas para analisar um processo terapêutico. Versão de Sentido é um relato breve e essencial da experiência imediata do terapeuta, escrito por ele logo após cada sessão. Situa-se historicamente esse tipo de análise entre as pesquisas de processo na Abordagem Centrada na Pessoa ou em abordagens humanistas de inspiração fenomenológica. Foi possível descrever 7 etapas no processo estudado e avaliar seu alcance e seus limites. Comparam-se essas etapas com o padrão descrito em pesquisas anteriores.

Palavras-chave: versão de sentido, processo terapêutico, pesquisa descritiva.

Abstract

Rescribing personal processes

This study takes Felt Sense Reports as a mean to analyse a particular case of psychotherapeutic process. Felt Sense Report is a brief and essential report of the immediate experience of the therapist, written by him, just after each session with the client. This kind of analysis is historically situated among the researches of process in the Person Centered Approach or in humanistic and phenomenological approach. It was possible to describe seven stages in this particular process, and evaluate its reach and limits. These stages was compared with the pattern described in a preceding research.

Key words: Felt sense report, psychotherapeutic process, descriptive research.

Introdução

A pesquisa de processos

O principal objetivo deste trabalho é testar um método de descrição e análise de processos, compatível com as necessidades de pesquisa da Abordagem Centrada na Pessoa.

O que vem a ser um processo terapêutico? Um processo de grupo? Como podemos pesquisar isso e aprender mais?

É um fato da experiência cotidiana de muitos psicoterapeutas que, embora haja condições previsíveis para que seja facilitada a ocorrência de processo terapêutico, ele nem sempre acontece. O resultado de encontros terapêuticos poderá consistir apenas, e se tanto, em alguns esclarecimentos sobre o problema do cliente. Algo deixou de acontecer. O cliente não entrou em processo.

Um "processo" não é um estado, algo acabado e completo que se instaura como uma variável interveniente ou mesmo dependente. Trata-se na verdade de um movimento. É como se a pessoa tivesse estado estagnada apesar de viver na multiplicidade dos fatos cotidianos, e agora essa estagnação se liquefaz, e algo começa a se mexer. No plano externo já havia movimentos, mas seriam como possibilidades de uma estrutura estática. Quando o processo se instaura é a própria estrutura que se questiona, se flexibiliza, se transforma. Trata-se de um movimento qualitativo da pessoa (ou do grupo), uma mobilização interior, desencadeada no contexto de uma realização, e que corresponde a mudanças, ou pelo menos a ameaças de mudança, em estruturas de relação do sujeito com o mundo.

A sucessiva aproximação descritiva desse processo pode ser ilustrada a partir da história da pesquisa da terapia. Na Abordagem Centrada na Pessoa a pesquisa passou por momentos relativamente nítidos e que acompanham as fases da evolução desta abordagem. O texto

1. Escrito a partir de trabalho apresentado no VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa, em Maragogi (Al), 1994.

Endereço para correspondência: PUCCAMP, Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Rua Waldemar Cesar da Silveira, 105, CEP: 13045-270, Campinas, SP.

clássico sobre isso é o de HART (1970), que caracteriza as 3 primeiras fases dessa evolução, justamente até 1970. De lá para cá houve tentativas de se descrever as fases posteriores. Um bom apanhado disso se encontra na tese de doutorado de CURY (1993).

Na Abordagem Centrada na Pessoa, a preocupação inicial, logo depois de formulada a intuição seminal dessa forma de psicoterapia, era a de mostrar sua eficácia. Assim foi que durante a chamada "fase não-diretiva", situada por Hart entre os anos 1940 e 1950, a pesquisa mais praticada foi a de tipo "antes e depois". Testes de personalidade eram aplicados antes do início da terapia, e depois de seu término, para que se pudesse constatar mudanças. Ou então medições da verbalização auto-referente do cliente eram feitas nas sessões iniciais do processo, e nas sessões finais; da comparação se poderia afirmar alguma coisa em termos de mudança no auto-conceito. O conceito de "processo" enquanto movimento estava muito longe de ser formulado ainda. Ele era entendido em bloco, como uma série de eventos que guardavam entre si uma certa coerência, digamos, metodológica. Esses eventos consistiam na terapia não-diretiva, cuja efetividade terapêutica se tratava de manifestar no meio científico. Ao lado disso tínhamos as primeiras formulações da própria metodologia terapêutica, e os registros, pioneiros, em gravador, das sessões.

A fase seguinte correspondeu a investigações mais detalhadas no interior do próprio processo (graças às gravações de sessão) no que diz respeito aos tipos de verbalização possíveis por parte dos terapeutas, e seus efeitos diferenciais nas verbalizações dos clientes. Foram montadas categorias de respostas terapêuticas, relacionadas com atitudes do terapeuta, e foram estudadas suas conseqüências sobre as falas dos clientes. Uma pesquisa assim minuciosa foi que acabou gerando a "técnica rogeriana" atualmente tão questionada. O reflexo de sentimentos ficou sendo a marca registrada dessa forma de terapia, e os aprendizes procuravam treinar esse tipo de resposta, sem se preocupar com o

processo ao qual ele poderia introduzir. É o "como fazer" correndo o risco de ficar mais importante ou independente do "para quê fazer" (ou mesmo do "o que fazer"). Essa fase, que segundo HART se estendeu de 1950 a 1957, foi denominada de "fase reflexiva". Embora o conhecimento de certas conseqüências de verbalizações (ou de atitudes a elas relacionadas) representasse uma aproximação um pouco maior do "processo", este ainda não era concebido enquanto tal, como totalidade, como movimento. Apenas se constatavam os efeitos de determinadas atitudes do terapeuta sobre o discurso do cliente. Paralelamente a isso, a formulação teórica das atitudes facilitadoras do terapeuta. Facilitadoras do quê? De um "entrar em contato consigo mesmo" por parte do cliente.

A terceira fase foi denominada de "experencial", e segundo HART se estendeu de 1957 a 1970. Ela foi profundamente marcada pelos conceitos elaborados no contexto da colaboração entre Rogers e Gendlin. O que ocorre de mais importante e significativo num processo terapêutico é que o cliente vai entrando em contato com um fluxo experiencial que se desenrola dentro dele, o qual, embora possa ser designado por suas palavras (simbolizações, nomeações), não se identifica com elas ou nem mesmo com o seu significado conceitual. Experienciação era esse contato. Foi construída uma escala de experienciação (culminando uma série de outros estudos parciais, ver por ex. ROGERS, 1967) que passou a ser usada em novas pesquisas visando medir o "nível de experienciação" de clientes em momentos diferentes do processo, ou a correspondência entre a experienciação do cliente e a do terapeuta. As descrições mais acuradas do processo ocorreram na fase de preparação das hipóteses que levaram àquela escala. Essa fase preparatória era concebida como um momento prévio em relação ao momento propriamente científico que seria o do teste das hipóteses. Vale dizer que a pesquisa não se voltou ainda para o estudo do processo em si mesmo, mas, após uma caracterização geral prévia dele, ocupou-se com

medir momentos, fotografá-los, por assim dizer, e com uma finalidade avaliativa. Em um artigo recente meu (AMATUZZI, 1993), procuro mostrar como esta preocupação avaliativa impediu o aprofundamento em pesquisa de uma abordagem mais descritiva do processo, embora ela estivesse ali em germe e até mesmo nos detalhes metodológicos do que posteriormente viria a se caracterizar como pesquisa fenomenológica. Paralelamente a essas pesquisas, e fundamentando-as no plano teórico, esta fase foi também a de definições conceituais de experiência, fluxo experiencial, e conceitos afins. Poderíamos dizer hoje que "entrar em processo", ou "entrar em terapia" corresponde a movimentar-se através da escala de experiência, implementando e modificando a forma de contato consigo mesmo.

Foi, entretanto, depois de 1970 que a preocupação da pesquisa e as indagações teóricas foram se centralizando mais na relação propriamente, entre terapeuta e cliente. O processo passou a ser visto como função de uma relação intersubjetiva mobilizadora. Ocorre processo quando ocorre relação intersubjetiva; há relacionamentos que, apesar de tudo, ainda não são propriamente relação. Estudos filosóficos desta relação foram incorporados ao pensamento da psicoterapia (nesse contexto se compreende o surgimento da terapia dialógica inspirada em Martin Buber; Cf. FRIEDMAN, 1988). Novas concepções de pesquisa foram surgindo enfatizando seu aspecto participante e colaborativo (Cf. HALLING e col., 1994). Na pesquisa mais convencional tratou-se de caracterizar os "tipos de relação" e seus respectivos efeitos no sucesso da terapia. A revisão bibliográfica geral feita por MARZIALI e ALEXANDER (1991) a respeito dos estudos dos componentes da relação terapêutica, sua definição e mensuração, constata que esses estudos se centram em medidas da qualidade de relação terapeuta-cliente em diversos momentos do processo, e sua relação com os resultados da terapia. Na Abordagem Centrada na Pessoa, a fase que se segue à experiencial bem poderia ser denominada "re-

lacional". O processo terapêutico não pode ser entendido independentemente da relação terapeuta-cliente. Ele é um movimento pessoal, ocorre no interior de um relação interpessoal, e o próprio terapeuta, de certa forma, participa do processo. Mais: processo é relação. Esta, quando realmente ocorre, já é um movimento. A empatia, para dar um exemplo ainda no interior da Abordagem Centrada na Pessoa, deixa de ser vista como uma atitude do terapeuta, apenas, uma vez que ela depende também do cliente: só pode haver uma definição relacional dela. Isso leva a mudanças conceituais. Não totalmente sistematizadas ainda, aliás.

Creio que outras vertentes de pesquisa se articulam com essa no que poderia ser uma quinta fase de evolução da Abordagem Centrada na Pessoa, agora porém já sem uma característica particular, mas enquanto inserida num contexto maior de abordagens em psicologia clínica.

Uma delas seria a busca de novos instrumentos ou estratégias para se pesquisar o processo. HEPPNER, ROSENBERG e HEDGESPEETH (1992), por exemplo, usaram questionários aplicados imediatamente após cada sessão, para captar pensamentos e interpretações de clientes e terapeutas a respeito da sessão recém terminada. Com uma inspiração semelhante em alguns pontos, juntamente com equipes de pesquisas tenho também trabalhado com o que convenciamos denominar de Versões de Sentido, que são relatos breves, livres, escritos imediatamente após a sessão e sob seu clima (Cf. AMATUZZI, 1991 e 1993). Estratégias deste tipo permitem que se veja mais claramente algo do não-dito e que talvez pertença ao fio da meada do processo no seu todo. Permitem também que se obtenha uma visão global do processo, num âmbito mais restrito de olhar, isto é, em poucas páginas, o que não aconteceria com as gravações de todas as suas sessões. Aqui também podemos situar as técnicas de coleta e análise de depoimentos ou relatos de experiência vivida, que se inspiram basicamente na metodologia de Amedeo GIORGI

(por exemplo, GIORGI, 1985), praticados no Brasil por exemplo, por GOMES (1988, 1990) e por FORGHIERI (1993). É a chamada pesquisa empírica fenomenologicamente inspirada, que permite restituir o sentido das vivências. No que diz respeito à estrutura de um processo de mudança, tal metodologia foi empregada por DENNE & THOMPSON (1991) quando analisaram experiências de transição para uma vida com sentido e propósito. Vale lembrar também a pesquisa em colaboração, ou "pesquisa dialógica" praticada na Universidade de Seattle, já mencionada (HALLING e col., 1994). Esses métodos todos apontam para um esforço de se captar o processo, no contexto terapêutico ou não. O objetivo das pesquisas já não é tanto o estabelecimento de relações funcionais internas buscando um controle, ou a avaliação de momentos do processo buscando eficiência e economia de recursos, mas sim a descrição do processo tornando-o presente como objeto de consciência e podendo assim orientar criticamente a ação. Paralelamente, e muitas vezes entremeado com isso, surge uma forma mais livre, metodologicamente falando, de pesquisa, e que se aproxima de uma fenomenologia eidética: é a reflexão filosófica contribuindo com um repensar a terapia ou o processo terapêutico (muitos desses estudos têm sido publicados no *Journal of Phenomenological Psychology*).

Uma outra vertente da pesquisa nesse momento poderia ser caracterizada como "antropológica" (se bem que não tenha visto ainda esse termo ser usado neste caso). Trata-se de descrever o alcance possível do processo terapêutico em termos de se divisar as possibilidades humanas que ele descortina. Em ligação com isso estão as pesquisas, ainda incipientes no que diz respeito à explicitação de seu próprio sentido e ao posicionamento de sua metodologia, dos chamados estados de consciência, que, na verdade, exploram os horizontes da experiência humana. A mobilização interior, que supera a estagnação mais ou menos imposta pelas exigências de convivência entre os

homens, revela que níveis da experiência humana, abrindo quais possibilidades para ela? Os praticantes da psicoterapia que trabalham na direção de um desencadeamento e acompanhamento do processo mobilizado, já se perguntam isso, se bem que as pesquisas nesse sentido não tenham ainda encontrado uma expressão mais válida no âmbito do debate público da ciência, no campo da psicoterapia. No campo da Abordagem Centrada na Pessoa essas questões foram suscitadas pelas experiências dos grandes grupos e são equacionadas no plano de uma revisão teórica por CURY (1993). Até onde pode nos levar o processo terapêutico? Essa questão esbarra com os próprios limites de uma psicoterapia.

O estudo que aqui nos propusemos pretende demonstrar algumas das possibilidades do uso de Versões de Sentido para a descrição de um processo terapêutico, e com isso testar se esse instrumento pode ser prático face às necessidades atuais da pesquisa em abordagens humanísticas.

Método

As Versões de Sentido (VS)

No fim de cada sessão de um atendimento terapêutico, imediatamente após seu término, escrevemos alguma coisa. Isso que escrevemos não pretende ser um relato do que aconteceu em sua materialidade, mas uma tentativa de dizer a experiência imediata do terapeuta enquanto pessoa naquele momento, e enquanto ainda referida à sessão que acaba de terminar. A esse pequeno relato denominamos Versão de Sentido porque não deixa de ser uma das possíveis manifestações do sentido da sessão. Em um artigo recente resumimos as características desse sentido tal como referido por uma VS (AMATUZZI, 1993, pg. 6):

1. ele é tanto objetivo como subjetivo, uma vez que se trata da experiência do terapeuta enquanto intencional, isto é, referida ao atendimento que termina;

2. é ao mesmo tempo um sentido captado e um sentido produzido: somente o percebo quando o produzo como participante da relação;
3. ele é uno e múltiplo, isto é, pode se desdobrar em outros sentidos em atos sucessivos de expressão;
4. ele somente aparece quando o próprio ato de expressar, fizer sentido ele também.

A propósito da terceira característica, é interessante notar que uma VS pode ser re-escrita (principalmente pelo autor, mas não só) explicitando-se melhor seu conteúdo, ou desdobrando seu sentido.

Transcrevemos aqui as VSs originais (o texto nativo) de um processo completo de acompanhamento terapêutico individual. É sobre elas que se fará a análise. Tomamos precauções redacionais para que as pessoas não fossem identificadas. Foram colocados entre parênteses os esclarecimentos necessários, e as omissões foram marcadas no texto com reticências.

Dolores

Vamos chamá-la assim. Foi uma pessoa encaminhada por um psicanalista que a esteve atendendo. Mas ela não queria decifrar significados. Queria simplesmente enfrentar melhor seus problemas atuais. Tinha tido uma amnésia total. Ficou sem saber quem era. Não reconheceu nem marido nem filho, nem outros parentes. A convivência ficou impossível. Separaram-se. Ela ficou com o garoto que queria tratar como filho, embora não o sentisse como tal. E isso a fazia sofrer. Vinham-lhe lágrimas com frequência quando falava do que havia esquecido. Chamamos seu ex-marido de João Carlos.

O atendimento

(Uso aqui a primeira pessoa porque o terapeuta nesse caso fui eu mesmo). Mais ouvi do que falei. Procurava ter ressonância aos sentimentos de Dolores; e criar um ambiente dialógico onde ela pudesse se expressar livremente. O atendimento durou pouco mais de um ano. Houve 55 encontros, de conversa face a face,

sendo que os dois últimos (S54 e S55), foram solicitados por mim, o primeiro deles uns seis meses após o término do acompanhamento com a finalidade de eu saber como ela estava e poder aprender com ela e com a sua experiência, e o segundo, com a mesma finalidade, um ano depois.

Quando? Nesses últimos anos.

Onde? Em algum lugar do Brasil, para onde eu viajava.

Vou numerar as sessões assim: S1, S2, S3 etc. E logo em seguida, a periodicidade delas.

As VSs tiveram inicialmente o aspecto de um diálogo com a própria Dolores, como se fossem cartas, mas que não foram de fato enviadas como tais. Na medida em que tiveram alguma influência para me disponibilizar melhor ao próximo encontro, podemos dizer que foram "enviadas".

A análise das VS

Essa análise segue, de modo geral, os passos descritos por A.GIORGI. Esse procedimento consiste na verdade em se re-escrever o texto nativo várias vezes em função de uma intenção de pesquisa, até que se chegue a uma síntese.

Resultados

O texto nativo das VSs

S1, algum dia, recentemente...

Não é só você que fica nervosa para saber como será o encontro, se vai dar certo, se a pessoa é legal, se você vai se dar bem. Eu também. Será que vou ser útil a você? Tenho muita vontade de ser. De ajudá-la a entrar em contato com seus sentimentos presentes, seus dilemas. Ajudá-la a pensar sua vida. Deixando para trás aquelas coisas escondidas. Se quiserem elas voltarão. O importante é sua experiência atual. É isso que você quer estar pensando. Conte comigo: farei o que puder.

S2, 7 dias depois.

Uma falta de amor; as pessoas que deveriam ser queridas não a procuraram (depois

que esqueceu tudo). Afinal que vida teria sido? Um relacionamento mais formal que outra coisa? Outra coisa que também me tocou o quanto você se sente desconsiderada pelo João Carlos: ele controla tudo e te põe numa posição infantil. Não te falei mas sinto em você uma grande sede de afeto e consideração.

S3, 5 dias depois.

Você não gosta de constatar esse seu jeito de ser: fazendo o que os outros querem sem pensar muito em você. E para quê? Para não ficar chato perante o outro. O resultado é que você tem sacrificado bastante seus direitos, o senso de seu próprio valor. - E é mais fácil falar disso do que decidir. Na hora da decisão, vem aquela hesitação. - (No dia seguinte escrevi mais sobre a mesma S3:) De passagem você me disse que lendo papéis antigos, soube que estava se preparando para se suicidar. Foi nesse contexto que veio a amnésia. Esta te salvou, pensei. Você preferiu esquecer tudo, quase ser outra pessoa, para poder continuar vivendo. Sabe o que eu penso agora? Que você precisa redescobrir a vida, experimentar o gostoso da vida, sentir-se de novo com valor, **antes** de se lembrar do que esqueceu. É por isso que você, com muita sabedoria, no momento prefere um aconselhamento em torno de sua vida atual, e não (um tratamento) que tente fazer você lembrar. É que você precisa se resgatar como pessoa primeiro.

S4, 2 dias depois.

A imagem do assoalho falso sobre o qual você caminha é muito boa. Há coisas por baixo que você desconhece. Isso te deixa insegura. E então parece importante lembrar, isto é, saber o que está por baixo do assoalho. Mas então você fico com medo de saber. Entendo isso, mas acho mais prudente você aprender a sentir seus pés no assoalho e caminhar com tua segurança atual. Com o tempo, quando você aprender a andar na corda bamba, então você poderá olhar sossegadamente para baixo. (...)

S5, 5 dias depois.

Você se sente egoísta. No começo foi difícil para mim aceitar isso, e quis te defender como se você estivesse sendo muito rígida com você mesma. Depois aceitei melhor: você às vezes se sente egoísta. Mas o outro lado é: talvez você torne difícil o pensar em você, cuidar-se, atender livremente seus próprios pedidos (na medida em que se recrimina por ser egoísta). Não há muita liberdade, não há possibilidade de "nãos" para quem se gosta. Isso torna as coisas muito difíceis e você acaba, meio escondido, pensando em você, e então vem a sensação de egoísmo. Acho que a gente pode ser mais livre. Dizer e aceitar "nãos".

S6, no dia seguinte.

Estou com a sensação que falei demais hoje. Sim, foram coisas importantes. Modos de fazer as coisas que complicam, e a longo prazo não satisfazem. O faz de conta, o manter as aparências, que pode levar contudo a um ficar sozinho. O contrário disso implica em aceitar conviver com uma certa bagunça ou algumas contradições. Mas a longo prazo parece ser mais satisfatório. Falamos disso tudo e foi bom para mim também. Se eu estiver falando muito lhe peço que me diga. Você pode também me dizer quando terminar a conversa. Não temos obrigação de fazer caber tudo em 45 minutos, ou mesmo de usar os 45 minutos. Hoje passamos. E houve momentos que eu achei que já havíamos acabado...

S7, 6 dias depois.

Penso que compreendi onde você quer chegar. Não é uma reclamação para seu "namorado", ou contra ele. Mas uma vontade de se abrir mais, de ajudá-lo a se abrir mais para coisas boas, possíveis na vida. Ele estaria acomodado em sua rotina, e com isso deixando de aproveitar coisas boas da vida.

S8, 7 dias depois.

Para mim o que resume nossa conversa é o seguinte: o excesso de controle que você sente

que deveria ter sobre seus gastos, faz com que você tenha muita raiva desses controles e se sinta às vezes incapaz de executá-los. E então vem aquela sensação ruim: será que estou gastando demais? - Penso que no fundo você não se dá o direito de gastar com você (mesma), de ter prazer, de curtir diretamente um capricho. É como se, quando você passou de criança para adulta, tivesse esquecido a criança: o seu adulto não é a criança crescida, mas a criança silenciada; e então ela faz algumas sabotagens. E como você sabe disso, fica sempre com medo...

S9, 2 dias depois.

Senti muito todo teu sufoco de vida. Não há opressões externas terríveis, ou fatos deprimentes ou dramáticos. Mas para você é um sufoco muito grande. Vi lágrimas muitas vezes em seus olhos, em nossa conversa. É como se não te deixassem viver.

S10, 5 dias depois.

Durante a semana está chato, vazio, sem estímulos, e você também não sabe como criar oportunidades novas. Sente também que certas coisas não ficam bem para uma pessoa como você. Tudo isso te amarra e segura. E o teu temperamento também não ajuda muito. Você é mais para parada...

S11, 7 dias depois.

De novo você se angustiou face à sua incapacidade de lidar com certas coisas. A mim me pareceu que é como se você fosse doente e tivesse que ter alguém que cuidasse de você. Talvez eu não tenha sabido aceitar isso e ficar com você diante dessa sensação angustiante. E então te dei uns puxões de orelha. Daí veio a sensação do: e então o que eu faço? E eu quase procurei uma resposta para você. E aí seria outra dependência. Daí rimos um pouco com o bicho. O tatu. Você é um tatu. Eu talvez dissesse: teimosa como um tatu.

S12, 2 dias depois.

No fundo você acredita que tem mais valor, que merece mais, que assim como está é

pouco. Você quer e quer. O que te segura é um sentimento de manter as aparências, a nobreza. Porque para ir atrás do que você quer, é preciso uma certa coragem e a disposição de correr riscos. As lições: (procurar) amigos, falar o que sente (sempre que for o caso), e (ter) humor. Posso cobrar?

S13, 4 dias depois.

Você esteve me contando duas conversas muito significativas. Vi você mais alegre: que bom! Outra coisa: como é bom ter alguém próximo e de confiança, como foi teu primo, que te ajude a pensar e dê pistas concretas! Um terapeuta não pode fazer isso: ele não substitui um irmão ou primo, ou um amigo. - Em relação à primeira conversa, o que me pareceu significativo foi você ter visto os efeitos de você ter se aberto mais com seu namorado.

S14, 3 dias depois.

Tua preocupação com teu filho, teu receio do pai como companhia não boa para ele, e a necessidade de conversar com o pai sobre tudo isso. Apesar dessas preocupações tão reais, uma atitude mais segura de tua parte.

S15, 5 dias depois.

Desapontada com a vida. Sentindo-se desconsiderada, esquecida. -Para mim foi difícil: o horário talvez não seja bom. Não descansei após a viagem, senti sono.

S16, 3 dias depois.

Um começo de sair da casca: uma amiga nova. A velha casca: como é difícil conversar com João Carlos de igual para igual! Você não consegue e abaixa a cabeça. Por enquanto não dá. E o filho? Você sente também que com ele é mais conveniência que afeto. As vezes ele é um trabalho, uma obrigação apenas. Seu amigo é mais importante. Constatar isso faz vir lágrimas. Você não está em paz com o fato de seu filho ser estranho para você.

S17, 4 dias depois.

Parece que a atividade do dia-a-dia, fora de férias, te faz bem. O cansaço que você tem é

não de depressão mas de cansaço mesmo. E também com o João Carlos você está se soltando um pouco mais, e dizendo de alguma forma tuas discordâncias. Você se preocupa com ele. Você acha que ele não está bem. Algo como uma decadência que você não gosta de ver; e muito menos quer esse tipo de coisa para teu filho.

S18, 2 dias depois.

Você está preocupada com seu filho. O pai não lhe parece boa companhia porque ele incentiva o filho a beber, e a beber demais. Isso não lhe parece natural. Normalmente você é firme com seu filho, mas nessa situação não está sabendo o que fazer. Creio que um dia você vai ter que ter uma conversa franca com ele, e mesmo com o pai...

S19, uma semana depois.

Senti muito tua preocupação. Teu filho está fazendo coisas que não são naturais para a idade, a seu ver. Você teme que se torne um bebedor, ou um pequeno delinquente. E algo lhe diz que a forma como você está lidando com isso não é boa, e pode mesmo piorar as coisas. Mas você não vê bem como poderia fazer. Falamos um pouco sobre você conversar sobre critérios com ele e com o pai. Mas além disso tem também a questão de como ir vendo o filho se tornar independente e mesmo tendo que quebrar a cabeça. Não é fácil aceitar isso.

S20, uma semana depois.

Quando você menos esperava, foi escolhida (para o emprego). E agora? O não saber, o novo, a falta de regras conhecidas, o ter que tomar uma posição. E nessa situação ruim, o querer resolver logo. Ficar livre do problema. Como é difícil dar tempo, esperar que pouco a pouco as coisas se manifestem!

S21, 10 dias depois.

Todas as aventuras do fim de semana: na escola, as irresponsabilidades do pai, a conversa franca com ele, como nunca antes. E foi uma vitória, outra mulher, mesmo que você não tenha dito tudo ainda. E depois os arranjos para

passar uma semana fora com o namorado. Um caminho. Vejo-a feliz.

S22, 10 dias depois.

Eu tive muito sono, e parece que não consigo acompanhar bem quando é assim: estava cansado. - A experiência positiva da semana com o namorado. E as aprontações do filho pegando o carro escondido. Chato e preocupante mas você não estava exageradamente preocupada. ...

S23, 11 dias depois.

Que insatisfação é essa? Difícil de dizer. Mas no fim parece que você achou: você não aceita para você mesma essa nova vida que está se propondo.

S24, uma semana depois. Não houve VS.

S25, 15 dias depois.

Conversamos sobre arranjos seus com seu filho e ex-marido, e que você resolveu voltar para a cozinha. No fim confesso que me veio uma sensação de um não-dito. Seriam esses arranjos a periferia de outras coisas mais importantes?

S26, uma semana depois.

Fazem muitos anos que sua mãe morreu. Você se lembrou disso no fim de nossa dura conversa. - A questão não é administrar os filhos, mas ser mãe. As idéias são boas mas o problema não está na cabeça e sim no coração.

S27, uma semana depois.

Vi você mais falante, alegre, resolvida. Me tocou o que você me contou de suas conversas com teu filho, de como você está assumindo mais a ele. E é uma atitude geral. Fiquei pensando em mim mesmo, em minha casa.

S28, uma semana depois.

Foi difícil para mim. Não consegui me deixar tocar. E ela estava muito sofrida. Ou talvez: ser firme e enfrentar, e cuidar do corpo.

S29, uma semana depois.

Semana boa, posiciona-se mais claramente face ao filho e ex-marido. Afetivamente sente coisas que a perturbam: (...) (não tem ninguém que a assuma como mulher). - Penso que disse tudo a ela. Não tenho nada a acrescentar. - Dica recebida dela, indiretamente (sobre meu próprio desempenho): cuidado para não dizer tudo!

S30, uma semana depois.

(Senti) uma ponta de inveja por ter (ela) podido, sem levar peso nenhum, começar tudo de novo. Quase como uma outra encarnação. Outra pessoa. A liberdade de curtir pela primeira vez as coisas. - Você está bem hoje, seu aniversário, e o balanço da própria amnésia é positivo. Mas também você chorou porque o preço foi alto: muita coisa boa, o mar (?), lhe foi roubado. É como se velhos amigos tivessem todos de repente morrido. - Por que o lado negativo meu me soa maior que o positivo? Por que a gente não se deixa ser livre? (Esse encontro me fez pensar nessas coisas sobre mim mesmo.)

S31, uma semana depois.

A questão do contato é muito curiosa. Ele nos põe em rumos imprevisíveis. Creio que fiz contato, e coisas importantes foram ditas. Mas numa ordem e por meios não previsíveis. Centralizamos o problema: a amnésia é emocional e está basicamente na relação com o ex-marido: ele é o provedor-controlador. Ela o quer pela comodidade mas o odeia pelo controle e sadismo. Me lembra a Fulana (pessoa de minha família), quando estou bravo com ela. Adolescente: não quer mais se criança, mas ainda quer as mordomias.

S32, uma semana depois.

Será que ela me entendeu bem, ou eu forcei a coisa desviando-a do sentimento dela? Não sei. Mas houve contato, creio. - Ela tem medo de estar prejudicando o namorado, e isso a faz chorar. Espantou-se com a possibilidade

de não estar se entregando (a ele) como ele a ela. - Crer no contato!

S33, uma semana depois.

No começo nada me tocava. Eu estava até fisicamente afastado. As trocas e dificuldades de controle do dinheiro me levaram a associações anais. Mas o assunto não tinha muito a ver. Depois veio a questão dos dois mundos separados, e o desejo de os dois estarem mais perto: ela não o gosta de que sejam dois e incomunicáveis. Por que não dizer simplesmente: "Você não gosta?" Para que ela mesma valorize o que vem dela. Parece que eu tenho que por minha chancela. Não será isso que ela quer? Alguém na retaguarda! Isso com o ex-marido e também comigo. - Está tudo aqui. Como seria bom se esse alguém pudesse ser o namorado. Por que não? Ela está presa ao ex-marido? - Apesar de tudo fui chegando ao contato. Mas o como do contato não é previsível.

S34, uma semana depois.

O personagem que rege o grupo é brincalhão, diz o meu amigo Elias. Estava sem ver o fio (da conversa). Fiquei quieto. Então ela foi longe e sozinha. Partindo do ponto de que não se dá o direito, viveu intensamente a indignação de alguém que sabe disso. A indignação foi o jeito desse direito reprimido. - Foi bonito.

S35, uma semana depois.

Está sentindo a dor de certas perdas que sua separação acarreta, mas quer ir definindo cada vez mais. Há separação e perdas. Mas sinto-a forte para assumir, embora sentindo a gravidade. - Isso tudo também me toca.

S36, uma semana depois.

Entendo muito você. Comigo também acontece isso. Tentativa de dar conta de tudo e sobrar um pouco para mim, mas não consigo; dá tudo errado. Daí frustração e vontade de chorar. É como ser roubado ou abrir um pouco e dar em pedra. É preciso talvez pensar mais na gente e largar mão dos controles.

S37, uma semana depois.

Interessante que ela está sentindo necessidade de se posicionar, ou saber qual o significado dela como pessoa; uma aproximação da identidade como sentido de si. E isso provocado pela saudade de Fulano (um outro amigo). Ele não ligou. Nem deveria, mas está diferente.

S38, uma semana depois.

Era ela que estava chocha, ou eu pouco receptivo? Talvez os dois. Mas da dor de cabeça passamos para preocupações com o filho. Ele a desvaloriza. Como o ex-marido. Ela detesta isso.

S39, uma semana depois.

Sinto-a chegando perto de ver a realidade, tomar decisões, definir situações... Com o ex-marido está cada vez mais insustentável o arranjo financeiro. Com o filho, confronto.

S40, uma semana depois.

Começamos com queixas sobre o filho e as dificuldades de ser separada. Nunca queria voltar (para o ex-marido). Depois fantasias e sentimentos sobre o passado. Ninguém tinha tempo pra ela, então a relação era austera e severa. (Fala de desencontros, brigas e rompimentos em sua família de origem) - Senti que ela foi mais profundo nos sentimentos que definem seu modo de ser. E como ela preza sua liberdade atual, mesmo que com dificuldade.

S41, não foi escrita a VS.

S42, uma semana depois.

Sinto a conversa em círculo. Parece que nada de novo acontece. Ou é muito lento. Ela vem me contar os pequenos episódios da semana. E os impasses continuam os mesmos. Sensação de tarefa mesquinha. Gostaria de ter um cliente que enfrentasse e agisse.

S43 e 44, sem VS.

S45, 2 semanas depois de S44.

Estou feliz de ver pequenas novidades, inclusive em memória. Ela fala de lembranças emocionais, não representacionais. Tipo: sabe

que conhece tal pessoa, e até uma vez lembrou o nome, embora não sabia quem é. Lida melhor com o dia-a-dia. Quer passar a vir cada 2 semanas. - Quanto a mim: ficar no sentimento-intenção da última fala! Isso parece fundamental (...).

S46 e 47, sem VS. (Dolores já estava vindo a cada 2 semanas)

S48, 2 semanas depois.

Estou me sentindo mal. Talvez não estava preparado para atender: não me "concentrei" na tarefa, ou não me "liberei", ou não me "disponibilizei". Ouvi e não sabia o que dizer. Apesar de tudo, depois de um certo tempo, uma disposição geral dela emergiu e foi explicitada. Mas não foi fala por fala. Meio que aguardei o geral. Talvez isso seja Aconselhamento e não Terapia. - Ela sente algo difícil na relação com o ex-marido, e chato. Não acha que ele esteja agindo bem com o filho (quando o faz participar das aventuras dele, pai). Fica um ambiente (ruim para o filho). - Está sendo mais claro quanto à parte da divisão de bens (...). Sente-se mais encorajada a ir enfrentando João Carlos neste ponto. Já o conseguiu em parte. Mas há muito que caminhar. - A disposição de conjunto foi exatamente a de falar com ele. Está mais disposta. Não parece tão impossível assim.

S49, 2 semanas depois.

Estávamos mais espontâneos, sendo que não soneguei ajuda e fui muito eu mesmo embora voltado para ela. Caminhou. Ela pôde ver melhor as insatisfações de sua vida relacionadas a não perceber, ao filho que escapa, ao modelo que esperam dela mas que ela não gosta, a uma certa vergonha de se mostrar como é, ao sentir-se mal de ver o filho sem ter o que fazer, como ela. - Estou entendendo melhor o que é a autenticidade, a disponibilidade.

S50, sem VS.

S51, 2 semanas depois.

A coragem de tranquilamente assumir e virar a mesa, isto é que ela me evocou como

necessidade de mudança. enfrentar a mudança; e que ela não consegue e sofre muito com isso. - Penso que falei demais mas foi para não sonegar isto que realmente estava em mim.

S52, 3 semanas depois.

Ficou claro para mim como ela está com a vida desagregada e sem viver abertamente o que compete a uma mulher de sua idade, ou a ela simplesmente, viver. Não está se dando o direito; então vive como ladrão, roubando daqui e dali. E eu?

S53, um mês e meio depois.

Ela está muito diferente. Diz que lembra de tudo desde que não atente para isso. Está tendo acesso. A conversa de hoje foi sobre seu esquema básico. Chegamos lá: faz as coisas por estratégia e não de coração. O problema é com ela mesma. Me lembrou Fulana. - Estou discriminando pouco a pouco melhor o meu papel: ficar no assunto dela, à serviço da consciência, e da tendência formativa. As vezes me envolvi saindo do papel e "indo para a sala de visitas"; ou vi o risco de fazer isso.

S54, 6 meses depois.

(Telefonei a ela alguns dias antes marcando esta entrevista para que ela me contasse como vai, e para que assim eu pudesse aprender mais com sua experiência. Ela ficou feliz de falar comigo, disse que estava muito bem, e se prontificou a vir).

Fiquei feliz de ver como você está bem. Não sem problemas, mas lidando com eles. Não parada por dentro, mas em movimento, questionando-se. Admiro tua coragem e a forma como você organiza teus valores, e teus amores.

(Dolores, nessa entrevista, disse que está em um momento bom de vida, lidando bem com as coisas, mais decidida, menos preocupada. Quanto à memória: diminui a área de coisas esquecidas: lembra-se de muitas coisas. Só fica sem lembrar da relação com ex-marido. Diz que não é indiferente lembrar ou não. Quer se lembrar de suas coisas. Não quer voltar a fazer terapia, mas ficou muito feliz de eu ter ligado, e pôde ter uma visão de conjunto de sua vida

atual falando comigo. Acha isso útil, e não tem feito isso nos relacionamentos cotidianos. Pediu-me que a chamasse de novo de vez em quando. Despedimo-nos com um abraço).

S55, 6 meses depois.

Dolores leu essas versões de Sentido, emocionou-se ao rever seu processo. Disse que estava bem retratado. Sobre a análise feita disse que realmente não quis ir mais longe do que foi, e que não acha que o terapeuta tenha se distanciado dela a partir de um determinado momento. Sendo formalmente consultada e tendo conhecimento dos detalhes que foram alterados para preservar a confidencialidade, autorizou a publicação do texto em revista especializada).

Re-escrevendo o sentido de cada sessão

S1. Nervosismo, expectativa, sondagens mútuas e o surgimento de uma disponibilidade para entrar na relação.

S2. Dizer a grande carência de amor e consideração que deve ter sido a vida anterior, e que, de alguma forma, continua atualmente nos relacionamentos familiares.

S3. Como é ruim só viver fazendo o que os outros gostam! Onde vai parar o senso do próprio valor?

S4. É ruim não se saber a verdade do que se era. Mas ao mesmo tempo dá medo saber. Será que poderemos suportar nossa verdade?

S5. Dolores acaba confessando que se sente egoísta, e parece ter uma certa vergonha disso. Mas, por outro lado, isso pode ser a indicação de que ela não é ela mesma; por isso acaba fazendo coisas escondidas só para si.

S6. Cansada de viver mantendo as aparências: isso nos isola e leva a uma vida de relações insatisfatórias.

S7. Não é tanto que seu namorado não a satisfaça, mas que em seu comodismo ele mesmo não vive bem. Ela gostaria muito de fazer algo por ele.

S8. Sente-se incapaz de controlar seus gastos; odeia esses controles. Será que no fundo se sente culpada em gastar consigo própria?

S9. Aproximando-se da grande angústia de uma vida sufocada e, como que, impedida de viver.

S10. Pôde falar do sentimento de vazio e de sentir-se amarrada e parada no dia-a-dia.

S11. Aproximando-se de novo da angústia, de sua incapacidade de enfrentar as coisas como se fosse uma pessoa doente. Um sentimento de impotência.

S12. Apesar de tudo, no fundo da insatisfação há um desejo de algo melhor, uma crença no próprio valor.

S13. Compartilhando algo de bom que pôde acontecer: teve dois encontros significativos onde pode ver os efeitos bons de uma maior abertura.

S14. Reassegurando-se em relação às questões de relacionamento pai-filho, que a preocupavam.

S15. Colocando-se diante da dor de ser desconsiderada, esquecida.

S16. Uma nova amiga: vida nova. Mas de outro lado os apelos de uma vida antiga: exigências de ser mãe.

S17. O bom, apesar de cansativo, da atividade cotidiana, e de se sentir um pouco mais corajosa e crítica.

S18. A preocupação com o filho, e a companhia não boa do pai para ele.

S19. Falando sobre vários aspectos envolvidos na fase preocupante que o filho está passando, e da dificuldade que sente em fazer algo.

S20. O novo emprego, o não querer este trabalho e a necessidade de tomar uma decisão sobre isso.

S21. O contentamento de estar mais corajosa para enfrentar os desafios de sua vida atual de forma mais ativa.

S22. Experiências pessoais boas e preocupações com condutas inadequadas do filho.

S23. Uma dúvida por trás da insatisfação: será que é esta a vida que eu quero para mim mesma?

S24. (Sem VS)

S25. Reassumindo coisas da vida doméstica e de mãe.

S26. Revivendo a falta que faz uma mãe.

S27. Continua o movimento de assumir a casa, com mais alegria.

S28. Dolores sofrida e não muito bem correspondida...

S29. Está bem melhor quanto a seus posicionamentos face ao ex-marido e filho. Mas não se sente satisfeita em sua vida afetiva.

S30. Revendo positivas mudanças de vida e sofrimentos que a amnésia trouxe.

S31. O ponto mais difícil para ela - e que provavelmente está na origem da amnésia - é a relação com o ex-marido. Ele provê, mas controla, e de formas às vezes cruel.

S32. Estaria ela usando apenas o namorado? Essa possibilidade faz virem lágrimas.

S33. Como conciliar os dois mundos em que vive?

S34. Vivendo a revolta de ser a própria carcereira.

S35. Mais decidida em relação a uma separação efetiva.

S36. A dificuldade de dar conta das obrigações e sobrar tempo para si. E o pior é quando nem das obrigações se dá conta. Frustração.

S37. Afinal, quem sou eu? Que valor tenho se não sou importante para alguém?

S38. Como é ruim ser desvalorizado pelo filho assim como o fazia o ex-marido!

S39. A situação financeira com o ex-marido, e a situação com o filho, estão muito insatisfatórias. Está difícil continuar assim.

S40. De certa forma os relacionamentos familiares frios, austeros, vêm desde que ela era criança. Uma longa e dura experiência.

S41. (Sem VS)

S42. O processo é lento e cheio de pequenas coisas do dia-a-dia.

S43 e S44. (Sem VS)

S45. A alegria de constatar pequenas novidades: lida melhor no cotidiano, lembra de mais coisas, lembranças emocionais.

S46 e S47. (Sem VS)

S48. As velhas dificuldades com o ex-marido e com o filho, e o ver as coisas com um pouco mais de esperança.

S49. Revendo dificuldades de vida, e o sentimento de vazio.

S50. (Sem VS)

S51. Como seria bom poder mudar todas as coisas!

S52. Dar-se conta de o quanto ainda não se dá o direito de viver, e então fica com satisfações que na verdade podem ser pequenas compensações.

S53. (Um mês e meio depois) Uma reflexão sobre o quanto ela não tem "soltado" o sentimento aponta uma direção a seguir. O balanço do presente, contudo, é bom. Sente-se diferente, lembra-se de praticamente tudo.

S54. (6 meses depois) Uma revisão oportuna do conjunto de sua vida atual: está bem, ativa, sente-se não sem dificuldades mas vivendo a vida. A lembrança é apagada somente quanto à relação com o ex-marido. Um discreto apelo a uma possível retomada, se bem que no momento não quer recomençar terapia.

(S55, 6 meses depois: confirmação do relato)

Discussão dos resultados

O trabalho de re-escrever o sentido

Houve uma certa dificuldade para se atravessar o tom reflexivo e muitas vezes auto-crítico das VSs para se chegar ao sentido da sessão. No entanto isso foi possível. Esse tom auto-crítico (principalmente ao final da série) mereceria uma análise à parte. Alguns aspectos serão mencionados mais tarde nessa discussão.

O sentido que foi re-escrito é o sentido do encontro, para Dolores, tal como a ele tivemos acesso através dos depoimentos do "parceiro" que foi o terapeuta (no caso, eu mesmo). É este um caminho muito complicado de acesso? Cremos que não, na medida em que se trata de um sentido mobilizado e vivido no âmbito do encontro. Esse caminho é, pois, mais co-natural, diríamos, do que o caminho de uma reportagem mecânica.

Outro ponto que se constatou no esforço de "extrair" o sentido, foi que, embora ele estivesse "contido" na VS, seu significado no conjunto do processo só pôde ficar claro depois

da análise. Esta surpreendeu o terapeuta, isto é, me surpreendeu e clareou muita coisa do processo para mim mesmo. Isso sugere que existe uma versão do sentido vivido no momento da sessão, que é diferente da versão que se pode ter após a consideração do processo como um todo. O sentido é o mesmo, mas sua versão varia conforme a posição daquele que o experiencia. Sugere ainda que a consciência do sentido no momento da sessão pode não conter todo seu significado. Mas tudo isso poderá ser "lido" na VS desde que se parta da visão do conjunto.

Agrupando sessões

O esforço de agrupamento de sessões, localizando pontos de mudança e etapas, possibilita um terceiro momento de olhar do processo como um todo, onde algumas coisas podem se tornar mais claras.

S1> Sondando e escolhendo iniciar o trabalho.

S2-8> Revendo livremente as insatisfações.

S9-11> Vivenciando os impasses presentes.

S12-14> Tendo esperança e prosseguindo o caminho.

S15> Novamente a dor presente.

S16> O conflito de 2 vidas: uma nova e uma antiga.

S17-30> Reassumindo sua vida cotidiana, mas sentindo insatisfações (S23, 28, 29).

S31> Chegando no núcleo de seus problemas, mas ainda sem poder vivenciá-lo plenamente.

S32-34> Repercussões desse problema nuclear em sua vida presente.

S35-36> Enfrentando situações externas na medida do possível.

S37-38> Questionamentos pessoais.

S39-50> Enfrentando situações cotidianas na medida do possível.

S51-54> Sentindo melhoras e resolvendo não prosseguir a terapia.

Até a sessão 14 há um ciclo: de um rever livremente as insatisfações. Dolores chega a um questionamento do presente, e daí começa uma reorganização de vida. Mas como aquele ques-

tionamento do presente não foi plenamente vivido e re-significado, a reorganização de vida também não é plenamente satisfatória. Vai então enfrentando as situações cotidianas num rearranjo de vida, mas também voltando ao núcleo de suas insatisfações, sem contudo poder enfrentá-lo totalmente. Isso leva a uma situação de vida bem melhor, mas não ainda a mudanças radicais. No que diz respeito à memória há uma recuperação progressiva, mas não completa. Fica um núcleo obscuro. Esse núcleo é até bem delimitado, mas permanece não vivenciado.

Poderíamos resumir isso em agrupamento maiores, formando o quadro que se segue.

ETAPAS DO PROCESSO DE DOLORES
1. Sondando e escolhendo iniciar (S1)
2. Revendo livremente as insatisfações (S2-S8)
3. Questionando o presente, mas não de forma radical (S9-S16)
4. Reassumindo sua vida cotidiana em bases melhoradas, mas sentindo insatisfações relacionadas a um núcleo (S17-S30)
5. Tentando se aproximar do núcleo de suas insatisfações (s31-S34)
6. Enfrentando situações cotidianas, e ao mesmo tempo rodeando o núcleo de suas insatisfações (mas sem poder ou sem querer ainda resignificá-lo completamente) (S35-S50)
7. Sentindo-se melhor e resolvendo parar a terapia (S51-S54)

O Término do processo

Por que Dolores interrompe o processo nesse ponto? Creio que duas respostas são aqui possíveis.

1. Ela não estaria se sentindo preparada para enfrentar plenamente o núcleo de seu problema e preferiu dar um tempo, contentando-se com as melhoras obtidas, o que aliás correspondeu à sua intenção primeira ao procurar o acompanhamento psicológico (Ver S1).

- Sinal disso eram as lágrimas que lhe vinham aos olhos, de uma dor profunda mas que não ousa "se dizer" completamente, a cada vez

que se aproximava do coração de suas insatisfações (Ver por exemplo, S28 e S36; mas também S3).

- Talvez esteja relacionado com isso o ritmo dos encontros. A partir de S19 o ritmo ficou mais lento (só uma vez por semana), e a partir de S45 ainda mais lento (a cada duas semanas).

2. O terapeuta (eu, no caso) não estaria suficientemente disponível para acompanhá-la nessa viagem por esse seu mundo tenebroso. Há também indícios disso nas VSs.:

- mudança de um tom pessoal para um tom impessoal na redação das Vss, que começa em S28 (passagem de texto em primeira pessoa, para texto em terceira pessoa).

- reflexões e auto-crítica do terapeuta revelando um questionamento de seu papel; também a partir de S28. Indiretamente esse questionamento auto-crítico-reflexivo do terapeuta pode estar indicando também uma queda da qualidade empática da relação (por exemplo, S32 e S38).

- mais para o final as VSs revelam também uma impaciência do terapeuta que dificulta o acompanhamento simpático e acreditante do processo de Dolores (por exemplo, S42).

Qual dessas duas respostas seria a mais correta? Creio que uma mistura das duas. Para Dolores, no entanto, aconteceu o que deveria mesmo ter acontecido (ver S55).

Conclusões

Uma certa estrutura do processo terapêutico fica aqui ilustrada, ainda que seja por suas dificuldades.

As etapas descritas em pesquisa anterior (cf. AMATUZZI, 1993) foram as seguintes: 1. Tomando pé. 2. Dizendo coisas-díficeis-de-dizer-sendo-compreendido. 3. Questionando o presente. 4. Aprendendo a ser diferente. 5. Desligando-se. - O processo como um todo foi aí caracterizado como "Permitindo a crise".

Essas etapas se verificaram em parte aqui. Não se chegou a uma vivência plena no

núcleo central do problema. E isso seja porque não se chegou a uma segurança suficiente para se "permitir toda a crise", seja porque não houve esse desejo. Isso ocasionou revisões parciais de vida. Preserva-se, no entanto, a característica do processo terapêutico como sendo um enfrentamento de crise.

As 3 etapas centrais citadas aqui acima (dizendo coisas difíceis..., questionando o presente, e aprendendo a ser diferente, aconteceram como dimensões do processo, mais do que como partes nitidamente distintas. E as 2 últimas estiveram entremeadas mais para o final do acompanhamento.

Fica também ilustrada a fecundidade e a praticidade do trabalho com Versões de Sentido para o estudo de processos. Trata-se de um instrumento "econômico" na medida em que, com muito menos quantidade de dados, se pode obter uma visão do conjunto que respeita o essencial do que se quer considerar. É também um instrumento que permite uma pesquisa mais "participante", pois as análises são feitas em cima da experiência relatada (e não em cima de um registro mecânico, externo).

Sabemos que a Versão de Sentido já vem sendo utilizada em supervisões de atendimento terapêutico. Mais pesquisas precisam ser feitas sobre a experiência em se trabalhar com elas. Acreditamos, finalmente, que a Versão de Sentido pode ser um instrumento muito útil e praticável também na difícil tarefa de se pesquisar processos grupais.

Referências

- AMATUZZI, M.M. O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 1991, Vol.7, nº1. pp. 1-12.
- _____. Etapas do processo terapêutico: um estudo exploratório. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 1993, Vol.9, nº1, pp. 1-21.
- CURY, V.E. *Abordagem Centrada na Pessoa: um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente*. Campinas (SP), UNICAMP - Fac. de Ciências Médicas, (Tese de Doutorado, Saúde Mental), 1993.
- DENNE, J. & THOMPSON, N.L. The experience of transition to meaning and purpose in life. *Journal of Phenomenological Psychology*. 1991, 22(2), pp. 109-133.
- FORGHIERI, Y.C. *Psicologia Fenomenológica - fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo, Pioneira, 1993.
- FRIEDMAN, M. The healing dialogue in Psychotherapy. *Journal of Humanistic Psychology*. 1988, 28(4), pp. 19-41.
- GIORGI, A (Org.) *Phenomenological and Psychological Research*. Pittsburg, Duquesne University Press, 1985.
- GOMES, W. A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 1988, 4(3); e 1990, 6(1).
- HALLING; KUNZ, G.; ROWE, J.O. The contributions of dialogical psychology to phenomenological research. *Journal of Humanistic Psychology*, 1994, 34(1), pp. 109-131.
- HART, J.T. & TOMLINSON, T.M. *New Directions in Client-Centered Therapy*. Boston, Houghton Mifflin Co., 1970.
- MARLIALI, E. & ALEXANDER, L. The power of the therapeutic relationship. *American Journal of Orthopsychiatry*. 1991, 61(3), pp. 383-391.
- ROGERS, C.R. (Org) *The therapeutic relationship and its impact - a study of psychotherapy with schizophrenics*. Westport, Connecticut, Greenwood Press, 1967.